

# OS SOLDADOS INDÍGENAS BRASILEIROS NO FRONT DA ITÁLIA, 1944-1945

HELTON COSTA\*  
GERALDO DUARTE FERREIRA\*\*

## INTRODUÇÃO

A FEB, contingente de 25.334 homens que cruzou o Atlântico para lutar durante a II Guerra Mundial, no norte da Itália, de 1944 a 1945, foi constituída por soldados de várias etnias, credos, culturas e camadas sociais. Entre esses soldados também havia indígenas e seus ascendentes/descendentes, que por sua vez se dividiam em outras várias etnias que compõem a vasta gama de povos originais do Brasil.

Para a historiografia e para os ramos que estudam a história militar, não é fácil fazer a diferenciação desses indivíduos em meio aos demais soldados, uma vez que, por conta do processo de colonização do país ao longo dos séculos, os sobrenomes originais que suas famílias carregavam (quando possuíam), foram substituídos por apelidos europeus, principalmente portugueses e espanhóis.

Ao longo das décadas pós-guerra, esses indígenas apareceram algumas poucas vezes na bibliografia da FEB, geralmente em uma ou duas linhas, em que ficava demonstrada a surpresa de soldados não-índios, ao se depararem com jovens vindos das aldeias do país, pegando em armas sem deixar nada a desejar a quem quer que fosse, homens iguais a eles em todos os aspectos.

Este trabalho, por meio de revisão bibliográfica, rememora os primeiros trabalhos que citaram os indígenas, tendo como exemplo aqueles que saíram do Mato Grosso do Sul, que na época ainda era Mato Grosso, para compor as fileiras de combatentes contra o nazifascismo. Traz também,

---

\* Doutor em Comunicação pela Universidade Tuiuti do Paraná e coordenador do curso de Jornalismo da UniSecal. Possui estágio pós-doutoral em História e especialização em Arqueologia e Patrimônio.

\*\* Jornalista em Campo Grande/MS e Relações Públicas da Associação de Veteranos da FEB - Seção Mato Grosso do Sul.

algumas das poucas citações sobre os indígenas que foram percebidos por outros soldados e mesmo oficiais, na campanha da Itália, registrados em crônicas e diários de campanha.

Para alcançar tal objetivo, houve pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (nenhum resultado), na ferramenta Google Scholar (oito resultados), no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (nenhum resultado), na Hemeroteca Digital Brasileira (um resultado) e em livros que continham informações sobre índios brasileiros naquele conflito mundial (três exemplares).

Não é um trabalho definitivo, uma vez que deixa aberta a possibilidade de novas pesquisas, tanto empíricas de campo, quanto de revisão documental nos acervos militares das unidades onde os Pracinhas da FEB serviram, para que mais indivíduos indígenas sejam identificados, e assim seja feita justiça à memória dos primeiros brasileiros, que moravam no país desde antes da chegada dos europeus e africanos.

## **A PRESENÇA INDÍGENA NO BRASIL: NÚMEROS**

Oliveira e Freire (2006, p. 21), estimam que existissem no Brasil, em 1.500, quando da invasão do país pelos europeus, 1.400 etnias/povos indígenas, que somavam entre 1,5 milhões até cinco milhões de pessoas, nas maiores contagens. Azevedo, Pagliaro e Santos (2005), fazendo uso dos dados de Stward (1949), ao citar que em 1940, a população indígena no país era de aproximadamente 500 mil pessoas.

Já o último censo que identificou os indígenas brasileiros, mostrava que eles eram 896.917 pessoas, distribuídos em 240 povos, dos quais, 30% moravam em cidades, 10% em áreas rurais e os outros 60% em aldeias (IBGE, 2012).

Nos casos específicos do Mato Grosso do Sul, a etnia terena é apontada como a que mais enviou soldados para a FEB. Mas, é preciso contextualizar que esta prevalência se deve ao fato de que o quartel de

Aquidauana, onde foi formado o 9º Batalhão de Engenharia, que recebeu a maioria dos soldados indígenas identificados, era área tradicional de recrutamento para os jovens que moravam nas aldeias mais ao norte do que viriam a ser terras sul-mato-grossenses (o estado só passou a existir em 1975).

Na região de Aquidauana há, de fato, predominância natural dos terenas, que moravam na região desde tempos imemoriais, já tendo, inclusive, ajudado o Brasil na guerra contra o Paraguai (1864-1870), enviando seus guerreiros para a luta ao lado das tropas imperiais.

Talvez outras etnias do sul do estado, como os Guarani e Kaiowás<sup>1</sup>, também tenham enviado seus filhos para a luta na Europa em 1944, porém, encontrá-los é desafiador, porque até o momento, com os dados disponíveis, não são facilmente identificáveis<sup>2</sup>. No futuro, com informações dos combatentes se tornando públicas, talvez seja possível procurar por seus locais de residência entre 1942-1945 (em aldeias, acampamentos ou ocupações), e novos membros indígenas da FEB sejam identificados.

E mesmo assim, o estudo será difícil, uma vez que, exatamente na década de 40, conflitos fundiários de “colonização” do extremo oeste brasileiro, faziam com que as tribos perambulassem pelo Mato Grosso do Sul ou estivessem muito isoladas no interior do território, para fugir da perseguição a qual estavam sujeitas.

Não deve ser desprezado o fato de que desde o começo da década de 1870, período posterior à guerra do Paraguai, em busca da expansão dos grandes campos de erva-mate, a companhia Mate Laranjeira promovia perseguição contínua aos indígenas ou os obrigava a servir de mão de obra barata. Tudo isso fazia com que as famílias buscassem o isolamento, que se afastassem cada vez mais dos não índios (ALMEIDA E BRAND, 2005).

---

<sup>1</sup> Optou-se por manter a grafia tradicional e não europeia da etnia.

<sup>2</sup> No trabalho de Cezar (2017), o autor aborda de forma subjetiva e pouco aprofundada, que o motivo dessa aparente invisibilidade da presença indígena, havia sido feita de propósito por autores que o antecederam, o que não é verdade. Como se vê, o trabalho de identificação de quem se declarava indígena ou não, é difícil e quem diz o contrário, está sendo no mínimo desatento para a realidade histórico-social.

Um golpe ainda mais duro foi a instalação da Colônia Agrícola de Dourados (1944-1968), que repartiu o Sul do Mato Grosso do Sul para que gente de todo o país se instalasse e ocupasse aquelas faixas de terras. No entanto, o governo não levou em consideração que ali moravam povos tradicionais, que quando não foram exterminados por colonos e empresas de loteamento, foram juntados em aldeamentos pelo próprio Estado, em uma situação que persiste até os dias atuais, onde há pobreza extrema nessas comunidades desassistidas pelo poder público em todos os pontos vitais (SILVA, 2016, p.38).

Essas ponderações servem como justificativa para a predominância da etnia terena entre os soldados indígenas que serviram junto à FEB. Os terenas já estavam pela região de Aquidauana e por isso seu recrutamento foi facilitado. Sua população atualmente é de 16 mil indivíduos.

## **OS INDÍGENAS QUE FORAM PARA A SEGUNDA GUERRA**

O recrutamento de soldados nas aldeias do Mato Grosso do Sul, funcionava da mesma forma com que qualquer outro soldado. O jovem se alistava, geralmente em busca de melhores condições de vida, passava por testes de saúde e se não houvesse nenhum impedimento, era incorporado e servia por um determinado tempo, naquele quartel, daquela unidade, dentro de funções que lhe eram atribuídas. Depois podiam permanecer ou se tornavam reservistas.

Portanto, não há como dizer que os soldados indígenas da FEB tiveram diferenciação quando foram chamados para as fileiras do exército. Eles não constituíam uma unidade diferenciada, como, por exemplo, os codificadores Navajos do exército americano. Eram soldados como os demais, conviviam da mesma maneira e tinham as mesmas angústias e aflições, como quaisquer outros seres humanos.

O que os diferenciava dos demais, era a sua etnia e a cultura que traziam consigo, que mesmo assim, precisou ser padronizada à dos demais

recrutas. A ascendência indígena não lhes impedia de progredir na carreira militar, como bem mostra o caso de Wenceslau Ribeiro<sup>3</sup>, que ainda jovem, tendo entrado como soldado, foi promovido a cabo e 2º sargento, comando homens em combate.

Como mostra a listagem dos soldados indígenas que foram para a FEB, a maioria deles já estava ou havia servido no 9º Batalhão de Engenharia quando a unidade embarcou para Europa e, portanto, apenas cumpriram seu dever de reservista como outros soldados na mesma situação.

Há dentro do grupo que foi identificado, outros soldados indígenas que foram mandados para Infantaria e nestes casos, eles estavam servindo, possivelmente, em Campo Grande/MS, ou em outras cidades do estado que possuíam quartéis daquela arma.

Em todos os casos, os soldados tiveram a mesma rotina que os demais convocados, tendo saído de suas unidades militares de origem, chegando aos pontos de reunião, em Minas Gerais (Três Rios/Engenharia) ou Rio de Janeiro, que era a Capital Federal da época. Depois embarcaram em algum dos cinco contingentes da FEB, seguiram para a Europa e desembarcaram em Nápoles e posteriormente em Livorno. Dali, foram incorporados em Companhias e fizeram a Campanha da Itália.

## **OS INDÍGENAS DA FEB; OS QUE LEMBRARAM**

A primeira menção encontrada sobre os Pracinhas indígenas, no período deste estudo, data de 7 de setembro de 1985, do jornal Diário de Pernambuco, página A-12, onde aparece uma chamada “Índios participarão de desfile”. Na ocasião, três indígenas da tribo terena estavam em Brasília para participar do desfile de independência. Eram eles: Leão Vicente, na época com 63 anos; Belizário da Silva<sup>4</sup>, 66 anos e Irineu Mamede, também de 66 anos. Os três foram voluntários para guerra. Na notícia, eles relataram que

---

<sup>3</sup> Em alguns documentos aparece escrito Wenceslau e em outros, Venceslau.

<sup>4</sup> Possivelmente, Pedro Belizário Pereira e o jornalista é que tenha errado o nome, pois, não há Belizário da Silva na relação da FEB, apenas um Belisário Tomaz da Silva, que não esteve na linha de frente e sim no Depósito de Pessoal, na retaguarda.

havam tido treinamento de 10 meses em Pindamonhangaba e que quem os acompanhava era o primeiro indígena terena formado em Direito, Maurício Pedro Terena. O periódico apontou ainda, que nada menos que 27 terenas teriam feito parte da FEB (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1985, p. A-12).

Belizário da Silva contou emocionado ao jornalista, que lembrava que durante os ataques precisava avançar sobre o corpo dos colegas que haviam acabado de morrer. Já Leão Vicente, fraturou a perna em combate e voltou mais cedo para casa, para acabar o tratamento no Rio de Janeiro. Belizário ficou surdo ouvido direito por causa de uma bomba que estourou muito perto dele e Irineu não dizia não ter traumas físicos, porém, tinha pesadelos e assustava a mulher quando acordava à noite. O jornal registrou que “apesar de todo sofrimento e do pouco retorno que lhes valeu a experiência, os três não se arrependeram”. “Vão até desfilar, hoje, no Pelotão da Força Expedicionária Brasileira, com muito orgulho” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1985, p. A-12).

Ferreira (2000), 15 anos depois da primeira notícia sobre o fato, foi outro que se lembrou dos indígenas, quando publicou artigo onde abordava sobre o processo histórico que foi injusto para os índios do Mato Grosso do Sul, mesmo os seus filhos tendo se aliado ao Brasil na Guerra do Paraguai. Depois concluía que na II Guerra, outros soldados “em sua maioria terena, também contribuíram para a libertação mundial do terror nazista”.

Ferreira (2000) foi quem usou pela primeira vez a expressão “Vukápanavo”, que segundo ele, significava “vamos para frente Brasil<sup>5</sup>”, no idioma terena. Naquela época ele escreveu que ao contrário das crônicas de Taunay sobre o conflito contra os paraguaios, em que os terenas eram citados, não acontecia o mesmo com a FEB.

No começo deste século, Ferreira (2000) dispunha dos nomes de Aurélio Jorge, Honorato Rondon, Irineu Mamede, Leão Vicente, Antônio

---

<sup>5</sup> Na tradução literal significa “seguir em frente”. Ex: com muito frio, seguimos em frente (Enó kassati, vukápanavo); com fome, seguimos em frente (Rimati, vukápanavo), com medo, seguimos em frente (Enó biquiá, vukápanavo). Não significa grito de guerra, é uma expressão usada apenas como título do texto de Ferreira (2000).

Avelino da Silva, havendo ainda “muitos outros”. “Talvez neste século, na sua luta incansável por condições mais dignas de sobrevivência em reaver parte de suas terras, sejam lembrados como heróis que participaram de uma luta por um mundo livre”, concluía.

## **A VERSÃO OFICIAL DO EXÉRCITO**

Do mesmo modo que Ferreira (2000), o Centro de Comunicação Social do Exército (2015) também lembrou que a participação dos terenas na Guerra do Paraguai, não garantiu ao grupo étnico maior prestígio, defendendo que eles foram submetidos a condições precárias de vida e precisaram arrumar outras ocupações que não as suas tradicionais na agricultura, tendo inclusive que trabalhar como peões de fazenda e colhedores de erva mate, no pós-guerra do Paraguai (CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO, 2015, p. 65).

Os terenas são lembrados pelo Exército também como colaboradores de Cândido Mariano da Silva Rondon. Sobre a FEB, em uma visão mistificada, o Exército publicou que “[...] antes de partirem para guerra, os terenas fizeram um ritual da pajelança, ou seja, invocaram o Xamã, o protetor, que faz previsão sobre onde está o inimigo e protege seus invocadores” (CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO, 2015, p. 66).

Tal visão reflete muito mais uma visão poética, estereotipada e fantasiosa do que um fato comprovado, uma vez que não há registro entre os memorialistas que escreveram sobre a Engenharia brasileira na guerra, tais quais Lima Júnior (1982), Lopes (1981) e Lyra Tavares (1966), de que tenham sido notados rituais de pajelança nos acampamentos da FEB, até porque, os terenas que foram enviados pelo 9º Batalhão de Engenharia não estiveram juntos na mesma unidade, tendo sido divididos em Companhias e colocados em outros regimentos.

Há um trecho no mesmo artigo do Centro de Comunicação Social do Exército (2015), que atesta que o lema indígena “Vukápanavo” servia como um

grito de guerra e uma senha para elevar o moral. Também não há como provar tal dito, pois, como se nota, quem primeiro fez uso desta palavra indígena, foi Ferreira (2000).

O Centro de Comunicação Social do Exército (2015) não traz muitas informações sobre os soldados que foram das aldeias terenas para a Itália, porém, por meio da memória oral dos descendentes daqueles combatentes, apresenta alguns indícios que dão pistas sobre como era a vida deles antes, durante e após aquela guerra, morando na zona rural, em aldeias, trabalhando em fazendas como peões e cultivando algum pedaço de terra (JORGE, 2015 *In*: CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO, 2015, p. 66).

## **OUTRAS CITAÇÕES**

Outros trabalhos como o de Baltazar (2010), Sebastião (2012), Vargas (2014), Zoia, Pasuch e Peripolli (2015) e Silva (2017) mencionam a presença indígena na FEB, porém, sem ênfase. Somente o Centro de Comunicação Social do Exército (2015) e César (2017) é que dedicaram exclusivamente ao tema<sup>6</sup>.

No entanto, já havia vestígios da temática na bibliografia sobre a FEB. O tenente do 11º regimento de Infantaria, Cássio Abranches Viotti encontrou alguns dos indígenas da Engenharia, em uma missa em Pisa, no começo da Campanha. “Eu os encontrara [primeiro], surpreso, no navio. Tinham os dentes da frente limados em pontas, para melhor trincharem a carne”, anotou ele, na obra *Crônicas de Guerra* (VIOTTI, 1998, p. 64).

O Tenente Túlio Campello de Souza, que foi comandante de Pelotão da 8ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria, fala do soldado Clóvis, do Mato Grosso do Sul, que seria filho de índios Guarani, e que não tinha qualquer dificuldade em se comunicar com uma bateria de artilharia inglesa e pedir

---

<sup>6</sup> Não foram levadas em consideração as notícias da imprensa sobre o assunto, mas, a título de curiosidade, quando digitados combinados, os termos “indígenas” e “força expedicionária brasileira” no buscador Google, são apresentados mais de 4,5 mil resultados, que vão desde artigos em jornais, até fóruns de discussão, o que evidencia que o assunto é comentado por grupos localizados de Internet.



fogo em suporte aos seus colegas que estavam quase cercados em Sommocolonia, em 31/10/1944.

Ele fazia parte da Seção de Comando da minha Companhia, onde operava o rádio. (...) Agora veja bem, a barreira cultural secular entre o inglês da Inglaterra e um índio do Mato Grosso, porque o Clovis não falava inglês nem italiano e o inglês não falava português nem guarani. Entretanto, os tiros saíram certinhos, foi uma maravilha! (Souza, 2001, p.81).

O padre cearense, Joaquim Dourado, capelão da FEB, conta de Oscar de Bom Despacho Corrêa, filho de pai indígena (do Mato Grosso) e de uma mãe carioca de São Gonçalo/RJ. O pai teria voltado para a aldeia no estado de origem e ele e o irmão foram criados pela mãe, tendo educação em um colégio salesiano (DOURADO, 1972, p. 238).

Joaquim Dourado ficava admirado com a calma dele durante as ações do 6º Regimento, ao qual pertencia. Bom Despacho tinha ido no 4º Escalão, como substituto para o 6º, e estava feliz pela “aventura” que estava vivendo, conforme disse ao padre. “Apresentei-me voluntário. Comi fogo! Mas, fiquei sabendo como se briga. Vim para Itália. Fiz a guerra, e, se mais não briguei, é porque não vim logo no começo” (DOURADO, 1972, p. 238).

Durante pesquisa no acervo digital da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, Costa (2020) encontrou e identificou fotos de um 2º sargento em várias imagens e ocasiões na Itália. Tratava-se de Wenceslau Ribeiro, de Nioaque, da etnia terena.

## **OS SOLDADOS ENVIADOS**

Cruzando os dados de Cézar (2017), do Centro de Comunicação Social do Exército (2015), de Ferreira (2000) e Baltazar (2010), é possível chegar aos seguintes nomes de indígenas da FEB e aos respectivos autores que o identificaram:

Nome	Unidade que serviu na FEB	Data de embarque	Autor que cita
------	---------------------------	------------------	----------------

Aurélio Jorge	9º Batalhão de Engenharia	02/07/1944	Ferreira (2000); Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017); Baltazar (2010)
Honorato Rondon	1º Regimento de Infantaria	22/09/1944	Ferreira (2000); Centro de Comunicação Social do Exército (2015)
Leão Vicente	1º Regimento de Obuses Auto-rebocados (ferido em combate)	22/09/1944	Ferreira (2000); Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017); Baltazar (2010)
Antônio Avelino da Silva	9º Batalhão de Engenharia	02/07/1944	Ferreira (2000); Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017)
Dionísio Lulu	9º Batalhão de Engenharia	02/07/1944	Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017)
Irineu Mamede	1º Regimento de Infantaria	23/11/1944	Ferreira (2000); Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017); Baltazar (2010)
Pedro Belizário Pereira	11º Regimento de Infantaria	23/11/1944	Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017)
Natalino Cardoso	6º Regimento de Infantaria	02/07/1944	Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017)
Wenceslau Ribeiro	9º Batalhão de Engenharia	22/09/1944	Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017)
Olímpio de Miranda	Não localizado (não consta)	Não consta	Centro de Comunicação Social do

	na relação da FEB)		Exército (2015); César (2017)
Rafael Serra Dias	9º Batalhão de Engenharia	02/07/1944	Centro de Comunicação Social do Exército (2015)
Índio morto não identificado 1	Não localizado	Não consta	Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017)
Índio morto não identificado 2	Não localizado	Não consta	Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017)
Otávio [Kadiwéu] (?)	Não localizado	Não consta	Centro de Comunicação Social do Exército (2015); César (2017)
José Salvador Quevedo	6º Regimento de Infantaria	23/11/1944	César (2017)

Tabela 1: indígenas enviados pelo Mato Grosso do Sul

Como se percebe, conforme os autores, 15 indígenas do Mato Grosso do Sul teriam feito parte da FEB, dos quais, quatro não se puderam ser identificados. No caso dos indígenas mortos em ação, levando em conta que o atual estado do Mato Grosso do Sul perdeu 10 soldados em combate e que nenhum deles foi declarado ou se declarava indígena, tal informação relatada pelo Centro de Comunicação do Exército se apresenta equivocada e só poderia ser confirmada com um exame de DNA ou por meio de informações de local de nascimento e residência (COSTA, 2018). Por isso, seria de 11 o número exato de Pracinhas indígenas sul-mato-grossenses. É um número bem menor que os 27 citados pelo Diário de Pernambuco (1985), o que por si só, já justificaria novas pesquisas sobre o tema.

Outro dado que se pode extrair da tabela 1, é que conforme a data de embarque dos soldados Aurélio Jorge, Antônio Avelino da Silva, Dionísio Lulu e Rafael Serra Dias, os quatro pertenciam à 1ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia, uma vez que somente a companhia citada embarcou em

02/07/1944, pois, as demais partiram em 22/09/1944. Natalino Cardoso, do 6º Regimento de Infantaria, estava junto com o quarteto, no mesmo navio.

Também pela data de embarque, é possível saber que Honorato Rondon e Leão Vicente eram do mesmo regimento e viajaram juntos; que Wenceslau Ribeiro era da 2ª ou da 3ª Cia do 9º Batalhão de Engenharia; e que Irineu Mamede<sup>7</sup>, Pedro Belizário Pereira e José Salvador Quevedo foram no 4º escalão, tendo sido postos como substitutos de soldados que haviam sido feridos ou morrido em combate nas companhias em que foram agregados.

Quanto às localidades de moradia antes da guerra, César (2017) traz uma relação completa:

Da Aldeia Bananal: Sd Dionísio Lulu, Sd Aurélio Jorge, Sd Antonio Avelino da Silva, Sd Pedro Belizário Pereira e Sd José Salvador (Quevedo); Da Aldeia Água Branca: Sd Antonio da Silva e Sd Dionísio Dulce; Da Aldeia Limão Verde: Sd Rafael Dias; De Nioaque: 2º Sgt Wenceslau Ribeiro. Sendo que sobre alguns soldados não houve consenso quanto a sua origem, considerando-se que os nomes aparecem nos textos pesquisados em duas localidades diferentes, são eles: Sd Leão Vicente: Aldeia Bananal e Aldeia Água Branca; Sd Irineu Mamede: Aldeia Bananal e Aldeia Água Branca; Sd Honorato Rondon: Aldeia Bananal e Aldeia Passarinho; Sd Antônio Avelino da Silva: Aldeia Bananal e Aldeia Pilad Rebuá; Sd Natalino Cardoso: Aldeia Bananal e Aldeia Limão Verde Também se cita que o Sd Olímpio Miranda era da Aldeia Limão Verde (César, 2017, p.19).

No caso de José Salvador Quevedo, é de se destacar que conforme entrevista dada para Costa (2012), ele dizia ser de Rio Brilhante, ter servido o Exército primeiro em Campo Grande e de lá partido para o Rio de Janeiro e depois para a Itália. Isso explicaria o fato de não ter sido posto na Engenharia e sim no 1º Regimento, como outros colegas da mesma unidade militar da atual capital do Mato Grosso do Sul, que foram no 4º escalão da FEB, em 23/11/1944.

Além dos soldados de Mato Grosso do Sul, como apresentado anteriormente, conforme Dourado (1972), haveria o filho de indígena, Oscar de Bom Despacho Corrêa e o indígena Clóvis (Souza, 2001), que poderia ser tanto Clóvis Batista Barros Falcão, quanto Clóvis de Carvalho Anizaut ou Clóvis Gomes Toledo, todos do 9º Batalhão de Engenharia. Pelos dados disponíveis

---

<sup>7</sup> Foi da 9ª Cia do III Batalhão, do 1º Regimento de Infantaria. Diário de Notícias (1945).

para consulta pública, não há como confirmar nenhum dos três. No entanto, como (Souza, 2001) fala que era um soldado da Companhia dele, a 8ª Companhia do III Batalhão, do 6º Regimento de Infantaria, os soldados do 9º Batalhão são automaticamente descartados, deixando esta lacuna sobre quem seria o jovem filho de indígena que se entendia com os ingleses, por ocasião de Sommoclonia.

Para este artigo, conforme entrevista por telefone, com familiares de Otacílio Teixeira, de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, o jornalista Ferreira (2020) percebeu que o mesmo era filho de pai negro e mãe indígena. Otacílio serviu no 6º Regimento de Infantaria da FEB. Pelo sim e pelo não, na ausência de fontes documentais fidedignas, para este artigo ficou convencionado em 11 os indígenas identificados que compuseram o quadro de soldados da FEB na II Guerra Mundial.

## **PRECONCEITO**

A FEB foi uma das poucas unidades não segregadas entre os aliados. Isso não quer dizer que não havia preconceito. A Força era um recorte social e cultural do Brasil, então, era de se esperar que também trouxesse seus problemas, um deles, o preconceito. Especificamente quanto aos indígenas, não há relato bibliográfico, pelo menos até o momento, de que eles tenham sofrido preconceito de superiores ou de parceiros de pelotão.

No entanto, Arruda (1947), Piason (1947) e Viotti (1998) citam casos em que o comando e oficiais da FEB teriam sido preconceituosos, tentando esconder soldados de pele escura no centro das colunas, em desfile em São Paulo e em guarda de honra na Itália. Em outro livro, pós-guerra, de título "Xavantes Na Itália - Ana...crônicas de Pracinhas da FEB", de autoria de Mario Fernandes (s.d.), o termo "Xavantes", que dá nome à obra, é usado como referência pejorativa para trapalhadas brasileiras durante a campanha, como se atos falhos fossem coisas de "Xavantes", etnia que habita o território do Mato Grosso. Há, inclusive, ilustração de Pracinhas representados como

indígenas, “saqueando” uma loja de perfumes na França. Ainda que o autor não tenha tido a intenção de ofender a etnia, pois, naquele momento histórico em que a obra foi publicada, tal atitude talvez fosse socialmente aceita, a “gíria” hoje em dia demonstra que houve uma tentativa de associar elementos negativos com a cultura indígena.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a revisão bibliográfica proposta, é possível dizer que pelo menos 11 indígenas compuseram as fileiras da FEB, mas, que há indícios de que pelos menos 27 terenas tenham estado na Itália (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1985). É possível dizer ainda que a etnia terena foi a que teve maior representatividade, uma vez que, como já foi dito, não é possível identificar outras etnias, de imediato, apenas com base nas listagens de nomes dos soldados da FEB. As pesquisas sugerem ainda, que de fato existiram mais indígenas dentro dos pelotões e companhias brasileiras na Itália, porém, no momento da redação deste texto, os dados sobre os mesmos são incompletos para pelo menos quatro deles.

Uma saída para que o trabalho de pesquisa fosse facilitado, seria a disponibilização por parte dos órgãos que detêm as fichas dos soldados (quartéis ou departamentos de pesquisa do exército), combinadas com as folhas de embarque ou mesmo de alistamento dos militares. Como já se passaram vários anos daquele conflito, e o material não foi classificado como sendo secreto, talvez um esforço conjunto das autoridades pudesse apresentar tais dados.

No entanto, há que se levar em consideração que o Estado não pode disponibilizar informações pessoais de seus cidadãos sem autorização dos mesmos ou de seus descendentes, o que dificulta esse trabalho de pesquisa junto aos órgãos competentes. Neste caso, a própria Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército poderia patrocinar tal pesquisa, já que são eles que detêm grande parte dos dados necessários aos estudos.

Quanto ao que foi publicado sobre a participação indígena, merecem destaque os trabalhos de Ferreira (2000), por ser um dos primeiros; de Baltazar (2010), por trazer avanços; do Centro de Comunicação Social do Exército (2015), por ser mais completo; e de César (2017), por ser mais detalhado. Eles foram os primeiros a fazer mapeamento dos indígenas que de fato compuseram as fileiras da FEB.

No entanto, como vimos, ainda há lacunas que precisam ser preenchidas e por conta disso, novos estudos deverão surgir nos próximos anos, com objetivo de sanar dúvidas que ainda pairam. Não são dúvidas quanto à participação indígena e sim, sobre quem eram esses homens que partiram de suas aldeias para defender o mundo contra o nazifascismo.

Torna-se importante esse tipo de investigação, não como forma de engrandecimento de uma etnia sobre outra na luta contra os regimes autoritários, mas, como forma de valorização da memória dos primeiros brasileiros, e como forma de mostrar que de fato, a FEB foi uma unidade diferenciada das demais aliadas, principalmente quanto ao convívio humano e as relações que se davam em torno das amizades e obrigações que se apresentavam no cotidiano das frações de combate que cumpriam missões naquele conflito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Luiz Henrique Eloy. **Situação Jurídica das Terras Terena em Mato Grosso do Sul**. *Revista Tellus*, v. 1, p. 11-34, 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.20435/tellus.v20i41.637>. Acesso em: 29 de dez. 2020.

AMADO, Luiz Henrique Eloy. **Vukápanavo - O despertar do povo Terena para os seus direitos**: movimento indígena e confronto político. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Museu Nacional (UFRJ), Rio de Janeiro, 2019.

ANDRADE, Delmiro P. **O 11º R.I. na 2ª Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1950.

ARRUDA, Demócrito. **Depoimento dos Oficiais de Reserva sobre a FEB.** São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

BALTAZAR, Paulo. **O processo decisório dos Terena.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

BRAND, Antônio; ALMEIDA, Fernando Augusto de Azambuja de. **Os Kaiowá e Guarani em tempos da Cia Matte Larangeira:** negociações e conflitos. ANPUH, 2005.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO. **Os índios terena na campanha da Itália.** Verde-Oliva, Brasília, ano XLII, n. 228, p. 64-67, 1 jul. 2015.

CEZAR, Diunes de Araújo. **A participação dos índios da região de Aquidauana na Segunda Guerra Mundial:** memórias de guerreiros soldados. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Antropologia e História dos Povos Indígenas) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.

COSTA, HELTON. **Confissões do front:** soldados do Mato Grosso do Sul na II Guerra Mundial. Dourados: Arandu, 2012.

COSTA, Helton. **Mato Grosso do Sul perdeu 10 soldados durante a II Guerra Mundial.** Disponível em: <https://jornalismodeguerra.com/2018/01/18/mato-grosso-do-sul-perdeu-10-soldados-durante-a-ii-guerra-mundial/>. Acesso em: 30 de dez. 2020.

COSTA, Helton. **Wenceslau Ribeiro na Itália.** Ponta Grossa, 29 de janeiro, 2020. Facebook. Usuário @vdevitoriabr. Disponível em <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=vdevitoriabr&set=a.2792434704110733>. Acesso em: 30 de dez. 2020.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Os expedicionários que desfilarão hoje na cidade.** Rio de Janeiro, ano XV, n. 1003, p. 3-6. Segunda Secção, 22 de agosto de 1945.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Índios participarão de desfile.** Recife, ano 160, n. 245, p. A-12, 7 set., 1985.

DOURADO, Joaquim José. **Estou ferido - Homens que lutaram - A Guerra acabou.** Rio de Janeiro: Fortaleza, 1972.

FERNANDES, Mario. **Xavantes na Itália.** Ana... Crônicas de pracinhas da FEB. S.e., s.d.

FERREIRA, Geraldo Duarte. **Vacápanavo, Brasil.** *Revista Leia*, Campo Grande, p. 3, 3 jun. 2000.



FERREIRA, Geraldo. **Ligação telefônica**. Campo Grande, MS. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

GONÇALVES, José; MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Irmãos de Armas**: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial. São Paulo: Códex, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JORGE, Gedeão. *In*: CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO. **Os índios terena na campanha da Itália**. Verde-Oliva, Brasília, ano XLII, n. 228, p. 64-67, 1 jul. 2015.

LIMA JUNIOR, Raul Cruz. **Quebra Canela**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1982.

LOPES, José Machado. **O 9º Batalhão de Engenharia de combate na campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

LULU, Wagner. *In*: CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO. **Os índios terena na campanha da Itália**. Verde-Oliva, Brasília, ano XLII, n. 228, p. 64-67, 1 jul. 2015.

LYRA TAVARES, Aurélio da. **História da Arma de Engenharia**: capítulo da FEB. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1966.

MELLO, Newton Corrêa de. **Meu diário de guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

NEGREIROS, Rubens Mário Brum. *In*: LIMA JUNIOR, Raul Cruz. **Quebra Canela**. Rio de Janeiro. BIBLIEx, 1982.

OLIVEIRA, João Pacheco de.; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

PAES, Walter de Menezes. **Lenda Azul**: a atuação do 3º Batalhão do regimento Sampaio na Campanha da Itália. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991-1992.

PAGLIARO, Heloisa; AZEVEDO, Marta Maria; SANTOS, Ricardo Ventura. **Demografia dos Povos Indígenas no Brasil**: um panorama crítico. *In*: Demografia dos povos indígenas no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 11-32. Saúde dos Povos Indígenas collection. ISBN: 978-85-7541-254-1. Disponível em:

<https://doi.org/10.7476/9788575412541.0002>. Acessado em: 29 de dez. 2020.

PIASON, José Alfio. **Depoimento dos Oficiais de Reserva sobre a FEB**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

PISKE, Ferdinando. **Anotações do Front Italiano**. Florianópolis: FCC, 1984.

ROSSINI, Maria Clara. **Estupro de mulheres negras e indígenas deixou marca no genoma dos brasileiros**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/estupro-de-mulheres-negras-e-indigenas-deixou-marca-no-genoma-dos-brasileiros>. Acessado em 29 de dez. 2020.

SEBASTIÃO, Lindomar Lili. **Mulher Terena: dos papéis tradicionais para a atuação sociopolítica**. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3381>>. Acesso em: 30 de dez. 2020.

SILVA, Humberto Ferreira. **As memórias do front: as coleções dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Walter Gomes da. **A estratégia de integração do sul do estado do Mato Grosso ao território nacional durante o governo Vargas: uma análise a partir da criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados em 1943**. *Revista do Departamento de Geografia*, v.31, p.26-42, 2016.

SILVEIRA, Antorildo. **O Sexto Regimento de Infantaria Expedicionária (Fatos da campanha do 6º. R.I. no território da Itália)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1946.

SOUZA, Túlio Carvalho Campelo de. Tenente-Coronel Túlio Campello de Souza. *In*: MOTTA, Aricildes de Moraes. **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bibliex, v. 3, p. 75-86, 2001.

STEWART, Julian H. The native population of South America. *In*: STEWARD, J. H. (org.) **Handbook of South American Indians**. Washington: Government Printing Office, 1949. v.5. *In*: PAGLIARO, Heloisa; AZEVEDO, Marta Maria; SANTOS, Ricardo Ventura. Demografia dos Povos Indígenas no Brasil: um panorama crítico. *In*: Demografia dos povos indígenas no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 11-32, 2005. Saúde dos Povos Indígenas collection. ISBN: 978-85-7541-254-1. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575412541.0002>. Acessado em: 29 de dez. 2020.

VARGAS, Vera Lucia Ferreira; CASTRO, Iara Quelho. **Histórias e memórias reacendidas: a apropriação Terena da escola / HISTORY AND MEMORY RE-**

ENLIGHTENED: the Terena's appropriation of school. *Outros Tempos*, vol. 12, n. 20, p. 143-157, 2015.

VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de guerra:** a Força Expedicionária Brasileira na Itália. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1998.

XAVIER SILVEIRA, Joaquim da. **A FEB por um soldado.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ZOIA, Alceu; PASUCH, Jaqueline; PERIPOLLI, Odimar João. **Dez anos dos índios Terena em Mato Grosso:** aprendizagens de um processo migratório, conquistas e desafios. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 86-104, jan./jun. 2015.